

O Mar e a Religião no Concelho de Ovar

Aspetos artísticos da Época Moderna ao Século XX

Sofia Nunes Vechina

1. Introdução

A primeira referência documental ao concelho de Cabanões e à indústria da pesca surge em 1251.

“Do século XIII ao século XV dominou a designação de *Cabanões* dada à vila e ao concelho; no século XVI o vocábulo *Ovar* eclipsa totalmente aquele primitivo nome¹”.

Em 1550², a *Igreja de Cabanões* já se localizava na vila de Ovar³, sendo por isso designada de *Igreja de Ovar*, revelando a centralidade administrativa da *vila de Ovar* em detrimento da *vila de Cabanões*.

Nos séculos XVII e XVIII a pesca na ria atinge uma enorme decadência e os pescadores ovarenses adaptam-se à faina marítima⁴. Em 1501 a pesca da sardinha já era uma realidade, sendo referida em 1758 da seguinte forma:

“meia legoa distante da Villa está a costa do Mar: he brava, e sem enseada, nem pedras; nesta lanção os moradores em alguns dias de Verão, q.do estão succedadas as suas ondas, as redes de Arrasto, de que uzão; e com maior abundância pescão sardinhas⁵”.

Em 1801 Cortegaça, Espinho e Ovar são apontados, na Comarca da Feira, como os três “centros, fortes, de pesca ao longo da orla marítima”, evidenciando-se, novamente, a pesca da sardinha⁶.

¹ LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar. Freguesias de São Cristóvão e de São João de Ovar*. 922-1865. Vol.1. Ovar: Câmara Municipal de Ovar – Divisão da Cultura, Biblioteca e Património Histórico, 2001, p. 81

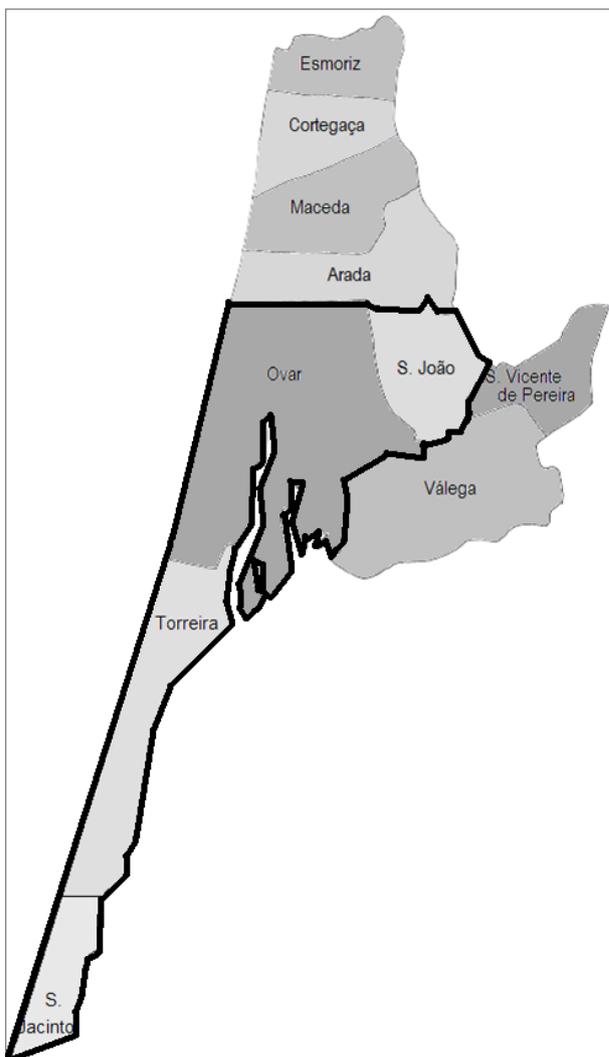
² BASTOS, Manuel Pires – História Breve da Igreja de S. Cristóvão de Cabanões a Ovar. *Dunas. Temas & Perspectivas*. Ano 1, nº 1, Julho 2001, p. 31.

³ Outras teses defendem que a Igreja de Cabanões foi transferida para Ovar na primeira metade do século XV, como diz o Pe. Miguel de Oliveira: “Embora sem elementos positivos de prova, parece-me que a “igreja velha” de Cabanões, referida no Foral de 1514, foi substituída, em data anterior às transacções entre o Bispo e o Cabido [1466], talvez na primeira metade do século XV.” (OLIVEIRA, Pe. Miguel de – *Ovar na Idade Média*. Lisboa: Edição da Câmara Municipal de Ovar, 1967, p. 138; LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar...*, p. 100)

⁴ IDEM – *Ibidem*, p. 81.

⁵ BASTOS, Manuel Pires – *O Concelho de Ovar nas “Memórias Paroquiais” (1758)*. Ovar: Paróquia de Ovar, 1984, p. 34.

⁶ Ovar é inclusivamente associado a “mercantéis, especializados no transporte da sardinha para longas paragens, depois da sua salga, ou então aqueles que a vendem pelo miúdo (...)” AMORIM, Inês – *Descrição da Comarca da Feira – 1801 Feita pelo Desembargador, Corregedor Columbano Pinto Ribeiro de Castro*. Separata da Revista da Faculdade de Letras. II série. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994. p. 243 e 244, 245 e 246.



1. Mapa de Ovar - a negrito está delimitado o espaço geográfico da freguesia de Ovar até 1855. Não está incluída a Costa Nova, actualmente lugar da freguesia da Gafanha da Encarnação (Ílhavo).

Em pleno século XIX (1863), Júlio Dinis, durante a sua estadia em Ovar, escreve uma carta onde apresenta uma curiosa apreciação: “(...) ontem fui ao mar; mas não vi a pesca da sardinha: Estou receando que parta sem assistir a esse espectáculo⁷”.

A necessidade de encontrar novos ancoradouros, para além do lugar do Furadouro, torna indispensável a expansão dos limites da freguesia de Ovar, atingindo, no século XVI, os lugares das Areias (São Jacinto), Torreira⁸ e, possivelmente, *Costa Nova do Prado* (Costa Nova), desanexados em 1855 e colocados sobe uma nova jurisdição⁹. São Jacinto transitou para a freguesia de Aveiro, Torreira para a Murtosa e Costa Nova para Ílhavo.

Os lugares das Areias e Torreira foram de tal modo relevantes que os seus primeiros templos foram construídos a cargo dos ovarenses,

consequentemente, o estudo que se segue não poderia deixar de incidir, igualmente, sobre ex-lugares da primitiva freguesia de Ovar¹⁰.

Em suma, tendo em conta um concelho constituído por sete freguesias (Arada, Cortegaça, Esmoriz, Maceda, Ovar – com os lugares das Areias, Furadouro e Torreira - S. Vicente de Pereira e Válega), o presente trabalho dedicar-se-á aos edifícios religiosos que marcam a forte ligação desta área geográfica e das suas gentes com o mar.

⁷ CHAVES, Maria Adelaide Godinho Arala – *Júlio Dinis. Um Diário em Ovar. 1863*1866*. Porto: Campo das Letras, 1998. p. 57

⁸ LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar...*, p. 85.

⁹ IDEM – *Ibidem*, p. 459.

¹⁰ De notar que a actual freguesia de São João foi um lugar da freguesia de Ovar até 1985, data na qual adquiriu o estatuto de freguesia do respectivo concelho. IDEM – *Ibidem*, vol. 4, p. 289.

Zagalo dos Santos, ao falar dos ovarenses diz o seguinte:

1. “O Povo de Ovar tem duas aptidões mestras, duas paixões absorventes: a pesca e o comércio. A agricultura, pela magreza do chão (...) é o triste remédio para o feijão e o milho e um ou outro mimo que, a custa de mil cuidados, consegue vingar para regalo da sua mesa. Foi o mar, apesar de tudo, que engrandeceu esta terra, e depois dele a Ria, onde fizemos durante séculos a barcagem de milhões de passageiros e de toneladas de mercadorias e como azeméis os conduzimos depois, do cais da nossa Ribeira ao de Carvoeiro na margem esquerda do Douro e a Vila Nova de Gaia. No artesanato suprimos as necessidades da população e excedemo-las até na modalidade da loiça¹¹”.
2. “Povo de gente do mar, cuja vida se joga todos os dias e se perde mais rapidamente que um credo (...) O mar, também em troca do pão que assegura a quem penosamente lhe rasga as entranhas, é, em grande parte, o responsável pelo sombrio da nossa alma, sempre inquieta, a interrogar o dia ate amanhã¹²”.

As citadas considerações revelam-se importantes para compreender melhor as vivências de Ovar sob o signo do Mar.

Parece-nos pertinente, ainda, referir a utilização das residências paroquiais de Arada e Maceda como local onde se reuniram, no século XIX, as companhas de pesca das respetivas freguesias para assinar as suas escrituras¹³.

Existe, neste concelho, uma íntima relação entre a pesca e a religião, que ultrapassa o local escolhido para a assinatura de documentos. Os pescadores assistiam às designadas *festas do mar*. “Não tendo então, Arada e Maceda, porto de pesca próprio, não consta que fizessem a sua festa do mar¹⁴”.

Os pescadores de Ovar acorriam às festas de concelhos vizinhos e celebravam ainda nas suas igrejas e capelas, distantes do mar, os santos da sua devoção¹⁵.

Algumas companhas adotavam como titulo o nome do santo da sua devoção. As invocações mais enumeradas eram “o Santíssimo Sacramento, a N^a S^a do Rosário, S. José, S. Pedro e Sto António”¹⁶.

¹¹ SANTOS, Zagalo dos - Saibam Quantos... a classe piscatória... É tida como indolente, amiga mais do vinho e do sol do que do trabalho e inadaptável a outra profissão que não seja aquela para que nasceram seus avós, pais e filhos. Em Ovar, convém quebrar esse estigma. In *Notícias de Ovar*, nº 627, 15 de Setembro de 1960.

¹² IDEM - Saibam Quantos... O vareiro, em sua pessoa e moradias, é muito cuidadoso... In *Notícias de Ovar*, nº 182, 6 de Março de 1952.

¹³ AMORIM, Pe. Aires de – *Da Arte Xávega de Espinho até Ovar*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 1999, p. 22.

¹⁴ IDEM – *Ibidem*, p. 84.

¹⁵ Em Esmoriz, efectuava-se a festa em honra de Santo António, na Igreja Matriz e de Nossa Senhora da penha de França em capela própria, à semelhança do que se verificava nas freguesias sem porto. IDEM – *Ibidem*, p. 85.

¹⁶ IDEM – *Ibidem*, p. 86-87.

Na tabela que se segue é possível verificar qual a proveniência da respetiva advocação, correspondendo, na sua maioria, ao padroeiro da freguesia, oragos de capelas e imagens existentes no altar da igreja matriz.

| | Arada | Cortegaça | Esmoriz | Ovar | Maceda |
|---|----------------------------|------------------|--|---|--|
| Padroeiro da freguesia | S. Martinho | Sta Marinha | - | S Cristóvão | S Pedro |
| Orago de capela | - | Sra da Nazaré | S ^a da Penha de França | Sto António, S João Batista, S Miguel, S Pedro, S ^a da Graça | S Geraldo |
| Orago de capela privada | - | - | | S ^a da Saúde | - |
| Orago de Alminhas | - | - | Sta Clara, Sr dos Aflitos | - | - |
| Irmandade | Sto António e Almas | - | Sto António e Almas | - | Santíssimo Nome de Jesus |
| Imagem em altar na Igreja | S ^a da Soledade | - | Sto António, S Miguel, Santíssimo Sacramento, S ^a do Rosário, | Coração de Maria, S Domingos, S José, S ^a de Fátima, S ^a do Rosário | Santíssimo Sacramento, S ^a do Rosário |
| Imagem em altar numa capela da freguesia | - | - | - | Sto Agostinho, Sto André, S Luís | - |
| Orago de capela em freguesia vizinha | S ^a da Saúde | - | S ^a da Nazaré | - | - |

Realça-se, ainda, a quantidade de invocações na freguesia de Ovar, justificável pela dimensão da dita povoação (v. mapa) e pela importância, já analisada, do lugar do Furadouro na indústria piscatória, logo, justificando, o fascínio de Júlio Dinis e o facto do cineasta Paulo Rocha, em 1966, querer eternizar, no filme *Mudar de Vida*¹⁷, a pesca

¹⁷ Realização, argumento, sequência e planificação de Paulo Rocha, produção de António da Cunha Telles, no ano de 1966, a preto e branco.

O filme retrata as angústias de um pescador (Adelino, interpretado por Geraldo Del Rey) que regressado da Guerra Colonial, descobre a transformação a que, ele próprio, as pessoas e o lugar que deixara, estiveram sujeitos. A sua ex-namorada (Júlia, personagem de Maria Barroso) casara-se com o seu irmão e o sítio onde vivia (Furadouro) estava indesejavelmente ameaçada pelo mar.

Existe uma clara associação entre a ficção e o real, na qual se retrata a miséria da população piscatória, as inefáveis construções, os preconceitos sociais, o trabalho duro de quem vivia do mar, a perigosa aproximação do mar e consequente destruição dos palheiros, a recolha da areia, as lavadeiras de sardinha, o comércio, a religiosidade e os costumes, como, por exemplo, os cânticos, com o propósito de protecção divina, que os homens entoavam em alto mar.

no dito lugar do Furadouro, revelando o seguinte: “Tinha uma grande estima por aquelas pessoas. A pesca estava a acabar e eu não queria que aquilo desaparecesse¹⁸”.

2. OVAR

Passamos a apresentar, à luz documental, exclusivamente, o património intrinsecamente relacionado com o mar, incidindo sobre as freguesias com portos piscatórios (Ovar, Cortegaça e Esmoriz), excetuando S. Vicente de Pereira e Válega, ligadas a votos marítimos que levaram à edificação sacra.

Capela de N^a S^a das Areias



2. São Jacinto.

Em 1623¹⁹ já existia a capela de N^a S^a da Areias, tendo sido substituída em 1744:

“Dizem o Juiz, Procurador, escrivão, e mais eleytos da freguezia de São Christovão da Villa de Ovar com.^{ca} da Feyra, que a capella antiga cim memorial de nossa Senhora das áreas do districto da mesma freguezia imagem de muyta veneração, e concurfo de Romagem, secular muyto velha, e soterrada debayxo da terra e áreas, e alem de ameaçar ruina se acha com m^{tas} humidades pera nella se conservarem os ornamentos, fabrica, e nella se poder celebrar; pello que querem os supp^{tés} e mais moradores e freguezes fazer hua capella nova no mesmo sitio das áreas em pouca distancia da antiga demolindofe esta, cuja obra querem fazer com grandeza e custo, e pera o mesmo fim se obrigaraõ á comfervação della e da fabrica da mesma na forma q consta da escriptura junta; e como he em mayor veneração da mesma Senhora, e nada se pode obrar sem licença (...)”²⁰.

¹⁸ Entrevista dada em 1998 ao programa *História do Cinema Português* (realizado por Ricardo Nogueira, produzido pela Acetato, Lda e apresentado na RTP 2), representando a época do *Novo Cinema*, *Cinema Novo* (1960 a 1974). Ver excerto em <http://youtu.be/mcoCpSj4ys0>.

¹⁹ CUNHA, D. Rodrigo da – *Catalogo & Historia Dos Bispos do Porto*. Porto: João Rodriguez. Impressor de fua Senhoria, 1623, p. 246.

A lenda da S^a das Areias refere-se a uns pescadores que andavam perdidos e pedindo-lhe ajuda a obtiveram. Já em terra, estavam a fazer uma caldeirada quando avistaram, enterrado na areia, o campanário de uma ermida. Moveram todos os seus esforços e com intervenção divina logo puderam entrar e ver “a Senhora com grande fermofusa” MARIA, Fr. Agostinho de Santa – *Santuário Mariano E Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora E das milagrosamente aparecidas, que se venerão no Bifpados do Porto, Vizeu & Miranda*. Tomo Quinto. Edição Fac-Símile (1716). Vila Viçosa: Alcalá, 2007, p. 49-50.

²⁰ AEP – *Autos de Cappella de noffa Senhora das Areas da freguezia de Ovar*, 1744.

Este documento refere, ainda, o início da devoção que hoje dá nome à freguesia:

“Em nada tem diminuído, mal antes se tem propagado até ao a devota piedade dos Fieis em Reverentes concursos a esta Sagrada Imagem, do Proximo mal fervorosos com a Nova devoção à Imagem de S. Jacinto colocada em a d^a Capella²¹”.

Capela da Torreira



3. Capela de São Paio, com casa anexa (demolida) – Arquivo Municipal de Ovar (AMO), s/d.

Em 1732, Francisco Correia e Cunha, escreveu:

“(…) Fran.^{co} Rois de Cor^a e Cunha juis da Ig^a da freg^a de S. Christovam da v^a de Ovar, q no sitio da Torreira andam pescando mais de outo centas pessoas desde Maio ate Abr. e p^a estas ouvirem missa passam o Rio q tem bastante largueza e vam dali huma Legua, ficando cada Dm^o ou dia S^{to} mais de trinta ou quarenta pefsoas sem ella, humas por velhas, e achacadas e outras por novas, e terem molheres, por q intenta o supp.^{te} no

lugar mais congruo fazer, como juis da Igr^a huma Capella e colocar nella a imagem de N. Sr^a com o M^o do Bom Succeso p^a o q se lhe ham oferecido esmolos e tambem p^a param^{tos} mifal e cálix (...)”²².

Foi-lhe concedida licença a 12 de julho de 1734²³ e possivelmente iniciada a construção.

Segundo a tradição, era de planta poligonal, continha três retábulos (N^a S^a do Bom Sucesso, S. Paio e S. Lázaro) e sofreu pelo menos duas soterrações²⁴.

Em 1874, como nos indica a inscrição do portal, o templo terá sido reedificado e dedicado a S. Paio/S. Pelágio, mantendo os três retábulos da capela anterior.

Capela do Furadouro

A primeira Capela do Furadouro, de pedra e cal, dedicada ao Senhor da Piedade, foi construída em 1766 para substituir uma ermida de madeira edificada em 1759²⁵.

²¹ IDEM – *Ibidem*.

²² AEP – *Autos de dotte para fabrica de capella a favor de juis e eleitos da Igreja de Sam Christovaõ de Ovar*.

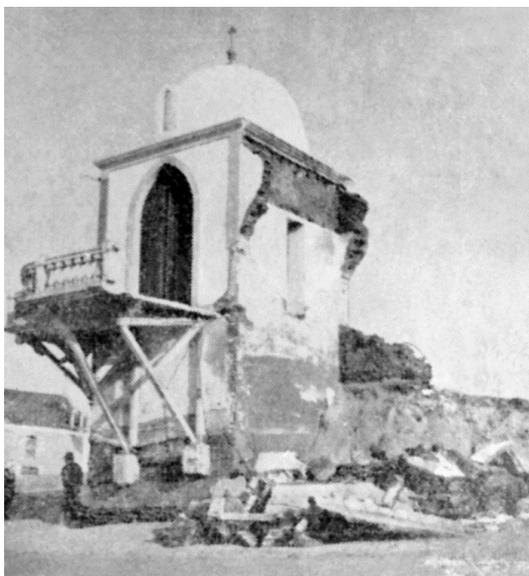
²³ IDEM – *Ibidem*.

²⁴ GONÇALVES, Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Norte*. Vol. X. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1981, p. 122.

²⁵ LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar...*, p. 178.

Ereta junto ao mar, de planta centralizada, no seguimento da Avenida Central do Furadouro, foi destruída pelo mar a 22 de fevereiro de 1939, pelas 16 horas²⁶.

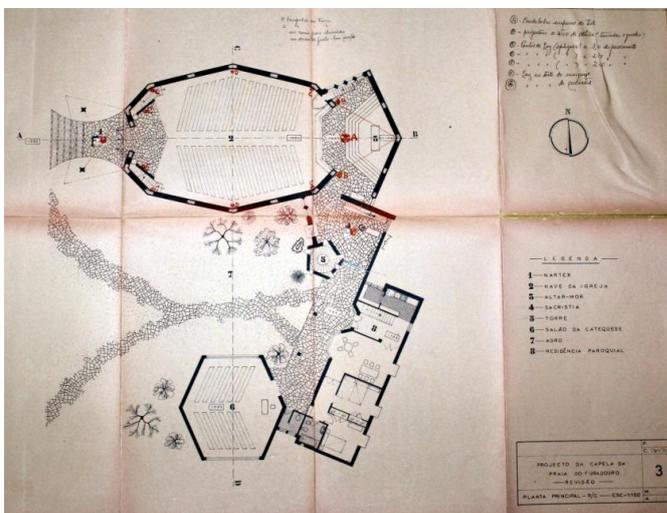
Em 1887 a população, considerando a capela existente semelhante a um forno ou a um moinho, algo manifestamente vergonhoso aos olhos dos ovaenses, aceita erigir um novo templo.



4. Capela do Sr da Piedade, 1939 (AMO).



5. Capela de Nª Sª do Livramento – Arquivo Episcopal do Porto (AEP) – *Inquérito à freguesia de Ovar*, déc. 1950(?).



6. Planta da Capela do Furadouro, Januário Godinho, 1964 (APP).

Construída ao cimo da Rua do Comércio do Porto, junto à praia, com uma superfície de 146 m² ²⁷a capela foi benzida no dia 24 de setembro de 1890 e dedicada a Nª Srª do Livramento²⁸.

Em 1958, a Câmara Municipal, com anuência do bispo do Porto, autoriza a sua demolição, por se encontrar bastante danificada pelo mar²⁹.

Em 1948 foi organizada uma comissão para a construção da nova capela³⁰, sendo o primeiro projeto aprovado em dezembro de 1950³¹. Contudo, a obra não avançou e foi necessário efetuar uma revisão ao projeto original justificando o seu autor, Januário Godinho, o seguinte:

²⁶ *O Povo de Ovar*, ano X, nº 509, 23 de Fevereiro de 1939, p. 1.

²⁷ AEP – *Inquérito à freguesia de Ovar*, déc. 1950(?).

²⁸ LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar...* vol. 2, p. 82

²⁹ IDEM – *Ibidem*.

“Com a evolução geral dos problemas de urbanização, expansão demográfica, crescente frequência das praias, etc, etc, o Furadouro começa a transformar-se em zona residencial com carácter permanente (...). O Furadouro constituirá, assim, em futuro próximo mais uma das freguesias do Concelho e, por isso, a “revisão” (...) do projeto inicial procura (...) corresponder às futuras exigências deste aglomerado urbano³²”.

O projeto foi dividido em várias fases: construção do corpo da capela, com nartex, nave principal e capela-mor, construção da sacristia, torre sineira, salão paroquial (catequese), residência paroquial e coberto anexo³³. Estes três últimos espaços não chegaram a ser construídos.

A 27 de junho de 1966 inicia-se a construção, da responsabilidade de António Silvina, e a 28 de julho de 1968 abre ao culto³⁴.

Em fevereiro de 1995, o *Gabinete de Estudos e Projectos da Câmara Municipal de Ovar* executa um projeto para o arranjo envolvente à Capela³⁵, inaugurado a 14 de setembro de 1997³⁶.

Alminhas do Carregal



7. Alminhas do Carregal – AEP – *Inquérito à freguesia de Ovar*, déc. 1950(?).

A estas *alminhas* pertenceu um “(...) painel representando o naufrágio havido em 27 de Maio de 1808 na companhia de Manoel Ramos, na costa do Furadouro em que pereceram 11 homens. É posterior, a sua fundação, a 1808 e talvez fosse construída para comemorar esse facto³⁷”.

Por volta da década de 1950, pertenciam “(...) a um particular com mercearia junto à extremidade do braço da Ria no lugar do Carregal³⁸”.

³⁰ IDEM – *Ibidem*, vol. 4, p. 34

³¹ Arquivo Paroquial de S. Pedro (APP) – *Projecto da Capela da Praia do Furadouro – revisão*, 5 de Junho de 1964.

³² IDEM – *Ibidem*.

³³ IDEM – *Ibidem*.

³⁴ LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar...* vol. 4, p. 34.

³⁵ APP – *Projecto para o arranjo envolvente à Capela de N Senhora da Piedade - Furadouro*, Fevereiro de 1995.

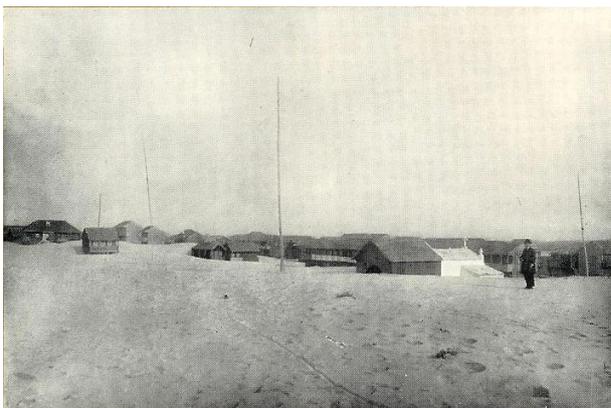
³⁶ LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar...* vol. 4, p. 35.

³⁷ *Almanhaque Illustrado d’Ovar*, 1918, p.78

Ver: VECHINA, Sofia Nunes – *Ensaio Sobre Pintura Votiva. Os Ex-votos Ovarenses*. In *Dunas. Temas & Perspectivas*. Ano 10, nº 10, Novembro 2010, p. 22-23.

³⁸ AEP – *Inquérito à freguesia de Ovar*, déc. 1950(?).

3. CORTEGAÇA - Capela de N^a S^a da Nazaré



8. “Praia Velha com a capela” – Calendário de 1986, Edição do Centro paroquial de Cortegaça.

A primeira capela dedicada a N^a S^a da Nazaré, já existiria na 2^a metade do século XIX e estava, intrinsecamente, relacionada com as companhas,

“era de dimensões reduzidas (7,10 m x 4,80m) com uma pequena sacristia anexa do lado sul (3,80m x 2,50m). Apenas tinha

um altar-nicho de N^a Sr^a da Nazaré e nada mais³⁹”.



9. “Poço do Povo, arraial da Capela Antiga (na direcção da Cabine eléctrica)” Foto do P^o Manuel Dias, Pároco de Cortegaça (década de 1990).

A partir de 1931, com o abandono da *praia velha* e a transferência de palheiros para a *praia nova*, a capela foi sendo deixada ao abandono, até que as areias se apoderaram dela e o mar a destruiu⁴⁰.

Na década de 1990 o mar deixou a descoberto uma estrutura cilíndrica, que os mais velhos prontamente identificaram como o *poço do povo*, existente no arraial da antiga capela, na direcção da rua da capela velha.

Em junho de 1932 pedem autorização para a construção do novo templo:

“Encontrando-se inutilizada para o culto a pequenina Capela de Nossa Senhora da Nazareth da praia desta freguezia de Cortegaça, por ter sido coberta com uma duna de areia, e desejando a freguezia fazer uma nova Capela, mais ampla – com uma capela-mor de 4m de largura, 5m de altura e 4m,5 de comprimento; e com um Corpo de 5m de largura, 5m de altura e 9m de comprimento comprimento (...) venho solicitar (...) a graça de nos conceder a respectiva licença para a construção da nova Capela⁴¹”.

³⁹ PARDINHAS, Albertino Alves – *Monografia de Cortegaça*. 3^a ed. [s/l]: Edição de autor, 1997, p. 158.

⁴⁰ IDEM – *Ibidem*.

⁴¹ AEP – *Benção da Capela de Nossa Senhora da Nazareth (Praia de Cortegaça)*, 1934.

Em 20 de agosto de 1934 já estava a capela construída:



10. Capela de Nª Sª da Nazaré.



11. Capela de Nª Sª da Nazaré, interior (2009).

“Encontrando-se a Capela de Nossa Senhora da Nazareth da praia do mar desta freguezia de Cortegaça concluída e apta para o culto catholico, e desejando a Comissão das obras da mesma Capela realizar no domingo, dous de Setembro, a tradicional festa de Nossa Senhora de Nazareth, com missa solenne, acompanhada a instrumental, mas segundo as leis canonicas o permitem, com sermão ao Evangelho, e com procissão de manhã saindo da Igreja parochial até a praia com o andor de Nossa Senhora de Nazareth, e de tarde saindo da Nova Capela e percorrendo as ruas da mesma praia; e desejando o povo desta terra e a dita Comissão das obras da Capela que no fim da missa solenne se dê a bênção do Santissimo Sacramento ao mar e ao povo, venho humildemente solicitar de Vª Ex^{cia} Rev^{ma} as licenças (...)”⁴².

Atualmente, encontra-se em obras de requalificação exterior e interior.

4. ESMORIZ

Capela de N^o Sr dos Aflitos e N^a S^a da Boa Viagem



12. Primitiva Capela da Praia, 1939 (AMO).

É possível que tenha existido uma construção anterior, porém a primeira referência encontrada relativamente à construção da capela corresponde ao ano de 1866.

Foi benzido a 25 de agosto de 1867. Tinha um adro com 18.750 m².

Em 1902 construíram-lhe um alpendre feito de Riga, substituído em 1916. A sua fachada distava 162 metros da nova capela⁴³.

⁴² AEP – *Benção da Capela de Nossa Senhora da Nazareth (Praia de Cortegaça)*, 1934.

⁴³ AMORIM, Pe. Aires de – *Esmoriz e a sua História*. Esmoriz: Edição da Comissão de Melhoramentos, 1986, p. 89-90.

Em 28 de setembro de 1941, o pároco, Manuel Rodrigues Vieira Pinto diz que



13. Lançamento da 1ª pedra da Capela da Praia, 1941 (AMO).



14. Capela da Praia, 1944 (AMO).

“estando o travejamento e telhados da antiga Capela da Praia, desta freguesia, a ameaçar desabamento e convindo retirar de lá as Imagens do Senhor dos Aflitos e de N. Senhora da Boa Viagem ate que a nova Capela, que a freguesia projecta fazer brevemente esteja concluída – a qual será copia fiel da Capela de Stº Antonio recentemente construída em São João da Madeira – cuja planta dentro de breves dias apresentarei á aprovação mesaria⁴⁴”.

Em 23 de setembro de 1945, “estando quasi concluídas as obras da nova Capela de N. Senhora dos Aflitos, na Praia desta freguesia, enão tendo sido ainda apresentada á devida aprovação a Planta da mesma por estar bastante estragada – em virtude de ter sido sedida pela Comissão que a freguesia de S. João da Madeira mandou fazer a Capela de Stº António, que foi tomada como modelo (...)”⁴⁵.

Em 9 de julho de 1948, “estando já quase concluídas as obras da capela de N. S. dos Aflitos, na Praia desta freguesia de Esmoriz, e devendo ser inaugurada em meados do próximo mês de Agosto com festa solene, constante de Missa cantada, Sermão e Procissão, na qual tocará uma Banda aprovada.

Venho pedir a V. Ex^a Rev^{ma} se digne conceder a necessária licença para benzer a dita capela e para nela realizar a referida festa solene⁴⁶”.

No auto de visitação à capela, é descrita como uma construção decente, de 21 metros de comprimento e 9,50 de largura até ao arco cruzeiro e 8,50 daí até ao limite da

⁴⁴ AEP - *Autos de Benção da Capela de N. S. dos Aflitos e N^a S^a da Boa Viagem*, 1948.

⁴⁵ IDEM – *Ibidem*.

sacristia, com torre de quatro sinos e um altar de mármore com Cristo de um metro de altura⁴⁷.

A 23 de agosto de 1948, foi benzida⁴⁸.

Durante a segunda metade do século XX, terá recebido algumas obras, nomeadamente, em 1971, o arranjo do adro, como comprova a inscrição na própria calçada.

Alminhas do Senhor dos Aflitos



15. Capela de N^a S^a da Penha de França e Alminhas do Sr dos Aflitos (In *A Voz de Esmoriz*, nº 65, 15 de Abril de 1959, p. 1).

De arquitetura austera, com cobertura em telhado de duas águas, como é habitual em quase todas as construções desta tipologia, apresenta um portal encimado pela seguinte inscrição “Obra q. p^r esmolas Fez a comp^a anno /1846”, equivalendo, possivelmente, à companhia do Senhor dos Aflitos (Esmoriz) que já referimos em tabela.

Em 1988, publicamente, afirmava-se que

“o seu estado de conservação inspira cuidados. Diz-se que irá ser recuperada. Porque não a deslocar para nascente? Ficaria melhor situada e protegida do trânsito⁴⁹”.

Efetivamente, no ano de 1992, sendo propriedade do pe. Aires de Amorim, a propósito de um projeto urbanístico para o lugar da Boavista, as alminhas foram desmontadas e recolocadas em lugar mais recuado⁵⁰.



16. AMO (Fundo P^e Aires de Amorim) - *Planta do arranjo urbanístico da área envolvente à Capela de Nossa Senhora da Penha de França*, 8 de Abril de 1992.

⁴⁶ IDEM – *Ibidem*.

⁴⁷ IDEM – *Ibidem*.

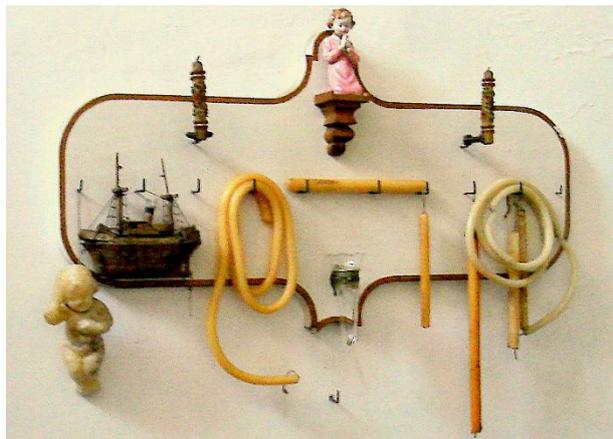
⁴⁸ IDEM – *Ibidem*.

⁴⁹ GRAÇA, J. – Objectivo(a). In *A Voz de Esmoriz*, nº 572, Ano 32, 25 de Dezembro de 1988, p. 7.

⁵⁰ AMO (Fundo P^e Aires de Amorim) - *Protocolo entre Câmara Municipal de Ovar e Padre Aires César Pinto Rodrigues de Amorim*, 8 de Abril de 1992.

AMO (Fundo P^e Aires de Amorim) - *Planta do arranjo urbanístico da área envolvente à Capela de Nossa Senhora da Penha de França*, 8 de Abril de 1992.

5. S. VICENTE DE PEREIRA. Capela de N^a S^a da Boa Viagem (privada)



17. Ex-voto (AMO).

João Rodrigues de Oliveira Santos, residente em S. Vicente, lugar da Torre, “viuvo, proprietário, e capitalista⁵¹”, a 5 de julho de 1869, “(...) tendo feito voto d’edificar uma Capella, com a invocação de Nossa Senhora da Boa Viagem, no lugar da sua residência e em terreno seu, precisa que V. Ex^{cia} lhe conceda licença (...)”⁵².

Considerando o ex-voto apresentado na Capela, onde se evidencia um barco, estaremos, possivelmente, a falar de uma súplica a N^a S^a, numa viagem marítima atribulada. Conserva-se uma referência documental dizendo que João de Oliveira “deixou o Império do Brasil e regressou à sua patria⁵³”.

Quanto à construção propriamente dita, não foi pacífica. A 3 de setembro de 1869 João Valente de Resende, abade de S. Vicente de Pereira dirige-se à cúria diocesana:

“(...) vem humilde e respeitosamente requerer (...) que a edificação da dita capella não pode ter lugar porque o lugar da Torre destinado para a capella, tem concorrente frente logo a ella, ce acha já edificada uma capella decente com todas as alfaias para (...) celebrar o Sancto Sacrificio da Missa e por conseguinte para servir para administração dos sacramentos (...). 2^o porque edificada a dita capella é inteiramente prejudicar os direitos da Igreja Parochial d’esta freguezia (...)”⁵⁴.

Concedida a respetiva licença a 10 de julho de 1869, a 7 de outubro de 1869, João de Oliveira “(...) tendo edificado uma capella com a invocação de Nossa Senhora da Boa Viagem (...)”⁵⁵ solicita, posteriormente, autorização para dar dote à dita capella⁵⁶ e a 8 de novembro de 1869 “(...) a obra da capéla está já acima do réz da terra cerca de um metro (...)”⁵⁷.

⁵¹ AEP – *Patrimonio de Capella. Joaõ Rodrigues d’Oliveira*, 1869.

⁵² IDEM – *Ibidem*.

⁵³ IDEM – *Ibidem*.

⁵⁴ IDEM – *Ibidem*.

⁵⁵ IDEM – *Ibidem*.

⁵⁶ IDEM – *Ibidem*.

⁵⁷ IDEM – *Ibidem*.

A 9 de dezembro de 1869, na sequência dos documentos remetidos à Diocese pelo abade de S. Vicente, a licença é “cassada e revogada⁵⁸”.

A 21 de março de 1870, o advogado Boaventura da F. e S^a Valente afirma que a capela existente no lugar da torre está fechada e o seu dono está ausente e alega que o vigário impugnou a dita construção por interesse próprio⁵⁹.

Vencida a causa, a capela já estava construída em 1871⁶⁰.

6. VÁLEGA. Capela de Nossa Senhora de Entre Águas



18. Capela de N^a S^a de Entre Águas, ainda com a casa do ermitão, 1970 (AMO).

Segundo a tradição apareceu a imagem de N^a S^a⁶¹ entre duas ribeiras, dentro de uma barca de pedra, da qual os romeiros retiram pó para beber em suas enfermidades⁶².

“Foy achada junto a huma fonte, aonde ainda hoje por memoria fe comferva huma Cruz de pedra⁶³”.

Em 1623 já existia uma capela com a mesma invocação, todavia, em 1628

“Diz Dom Diogo Lobo Abbade de Santa Maria de Vallega deste Bispado do Porto, q estando a hermita de Nossa S^{ra} desnte as agoas arruinada e a freguezia empossibilitada pêra a reedificare como convinha, temendo elle supplicante que se perdesse a memoria da dita hermita, sendo taõ antiga e de tanta devoção fez petição a o illustrissimo s^{or} Arcebispo Primaz Dom Rodrigo da Cunha, q entãõ era Bispo desta Cidade, dizendo que elle queria fundar de novo em outro lugar mais decente e dotar a dita hermita, ficando padroeiro della Insolidum por rezaõ da dita fundação e dotação conforme a direito; pêra o q o dito snor lhe passou provisãõ e por ella o fez padroeiro insolidum da dita hermita, e q elle e seus successores no dito padroado excessivamente querendo, se entirasse na dita hermita e nenhua outra pessoa se sua licença, e q podessem apresentar Capellaõ ou Capellaes e hermitaõ. e por rezaõ da dita graça q o dito snor conforme a direito lhe faz, mudou a dita hermita e a fundou e dotou co grandes gastos da sua fazenda, e pêra a perfeiçoar conforme a traça della há de gastar ainda mais de dous mil cruzados.

⁵⁸ IDEM – *Ibidem*.

⁵⁹ IDEM – *Ibidem*.

⁶⁰ IDEM – *Ibidem*.

⁶¹ Roubada em 1990. *Jornal de Válega*, nº 28, Junho de 1990.

⁶² MARIA, Fr. Agostinho de Santa – *Santuário...*, p. 54.

⁶³ IDEM – *Ibidem*, p. 54

Aqual provisãõ se perdeo, e fazendo dilligencia se naõ achou, nem della ficou treslado, e pode aver duvida em algum tempo sobre o dito padroado.

Pede a V. S. lhe mande perguntar testemunhas fide dignas que viraõ a dita provisãõ e sabem della, e achando ser assy, lhe mande passar instrumento autentico em modo q faça fez, e q o treslado delle fique em o cartório do escripto da Camara ad perpetum rei memoriam. e R. J. e M.⁶⁴”.

Alexandre Ribeiro, abade de Santa Maria de Válega, com quarenta e um anos de idade, e o padre Domingos Gomes, natural e morador no Couto de Cucujães, foram testemunhas de Dom Diogo Lobo, assinando a declaração infra:

“(…) sabe que o dito supplicante com muita custa de sua fazenda mudou o sitio da dita hermidã por ficare mais segura; e de novo anda reedificando; e esta quasi meã feita de modo, que nella se disse missa, e disse mais, que sabe que o dito supplicante fez petiçaõ ao illustrissimo senhor Arcebispo primas, sendo bispo desta Cidade do porto, pedindo nella que perguntado de novo a fundança, lhe fizesse merece, de titulo de padroeiro insolidum da dita hermidã. Com en efeito, por ser conforme o direito lhe concedeo e datado lhe mandou passar sua provisãõ sellada e assinada pello ditto Senhor na qual declarava que por refaõ do padroado que tinha o dito supplicante pode lhe eleger sepultura pãra sua pessoa; seus successores; successivamente e que na dita provisãõ se declara que nenhuã pessoa podesse apprefentar capelaõ ou capellaes ou per hermitas, sem expressa licença (...)”⁶⁵”.

Possivelmente, já estaria edificada em 1657, data inscrita na fachada, e seria o resultado, segundo a tradição, de um voto de D. Diogo Lobo que embarcando no Porto com destino a Lisboa “(...) foi o navio acometido por medonha tempestade que ameaçava sepultá-lo (...)”⁶⁶”.



19. Ex-voto com a inscrição “P.C.J.L 1918”.



20. Ex-voto com a inscrição “Restaurado 1995 / Augusto Vicente Gordo”.

⁶⁴ AEP – *Nª Sª de Entre Agoas*, 1628.

⁶⁵ IDEM – *Ibidem*.

⁶⁶ OLIVEIRA, Miguel de – *Válega. Memória Histórica e Descritiva*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 1981, p. 106.

Os barcos entregues, em cumprimento de um voto, a esta capela revelam, em pleno século XX, a devoção dos pescadores a esta invocação e perpetuam a memória do voto seiscentista.

7. Conclusão

Em suma, a indissociabilidade deste território com o mar é marcado por dois fatores. Por um lado, o quotidiano sério e perigoso dos pescadores é gerador de uma necessidade devocional que impulsiona a construção de capelas junto ao mar, a utilização do nome divino como título da própria companha de pesca, a assistência a procissões e romarias, a entrega de ex-votos em capelas, etc., confirmam esta relação com o mar. Por outro, a natureza revoltosa do mar e as más condições de navegabilidade colocam frequentemente ricos e pobres em perigo, concebendo nos mais endinheirados a necessidade de construção de templos com alguma escala e nos menos afortunados o esforço na edificação de pequenas *alminhas*.

Para superação dos desafios impostos e do medo, os ovarenses fazem promessas que se materializam em plurais tipologias de objectos: capelas, alminhas, pintura e douramento de retábulos, imagens, etc.

Esta materialidade, que pela proximidade chega a parecer “suspensa sobre o mar”, é testemunho de tradições, preces, tragédias, gritos dilacerantes, lágrimas derramadas, vidas e mortes, mas é, igualmente, uma réstia de esperança, suficientemente persuasiva para continuar a construir junto ao mar, ainda que a fúria das ondas seja a responsável pela destruição de vários templos, construídos à custa do sacrifício deste devoto povo piscatório.

A proximidade ao divino eleva a confiança, legitimando, para além do exposto, que se remendem redes no interior de capelas e se contribua monetariamente, apesar dos miseráveis rendimentos económicos, para o restauro do património móvel e imóvel, sobretudo se for dedicado à Paixão de Cristo, porque também Jesus Cristo conheceu e superou a inclemência de uma vida difícil.